

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

ANNY CAROLINE LEAL LEITE

**A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS NAS INTERAÇÕES
SOCIAIS ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MARINGÁ

2014

ANNY CAROLINE LEAL LEITE

**A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS NAS INTERAÇÕES
SOCIAIS ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para obtenção do grau de
licenciado em pedagogia.

Orientação: Prof. Dra. Ercília Maria Angeli
Teixeira de Paula.

MARINGÁ

2014

ANNY CAROLINE LEAL LEITE

**A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS NAS INTERAÇÕES SOCIAIS
ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do Título de Pedagogo, sob a orientação da Professora Doutora Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof.^a Dra. Celma Regina Borghi Rodriguero
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof.^a Dra. Tânia dos Santos Alvarez da Silva
(Universidade Estadual de Maringá)

A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS NAS INTERAÇÕES SOCIAIS ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Anny Caroline leal Leite¹

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula²

RESUMO:

Nessa pesquisa investigou-se o papel da afetividade no desenvolvimento da criança e a sua importância nas interações sociais na Educação Infantil. O problema a ser tratado no presente projeto foi: De que maneira as relações afetivas entre adultos e crianças e crianças- crianças podem contribuir para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil? Para análise desta questão foram utilizados dois teóricos da psicologia do desenvolvimento: Henri Wallon e Jean Piaget, que discutem a importância da afetividade e da cognição para a formação humana. Este trabalho apresenta a afetividade para além dos carinhos físicos. Portanto, afetividade é compreendida nas relações de cuidado, nos processos educativos, nos gestos, elogios e na escuta das crianças. A metodologia utilizada neste trabalho foi a revisão de literatura sobre afetividade na Educação Infantil, bem como as análises dos teóricos relacionados para este estudo. Como resultado, observou-se que as relações afetivas entre educadores e crianças, podem ser consideradas a base para o desenvolvimento global das crianças. Observa-se ainda que estudar a afetividade implica outro olhar sobre a prática pedagógica, não restringindo o processo de ensino-aprendizagem apenas à dimensão cognitiva. Concluímos que este trabalho discutiu como as interações sociais afetivas contribuem positivamente para o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Afetividade. Cognição. Educador-Criança. Relações afetivas. Educação Infantil.

ABSTRACT:

This research investigated the role of the affectivity in the child development and its importance in the social interactions in child education. The problem to be discussed in the present project was: In which manner the affective relations between adults and children and between children can contribute to the development of the children in Child Education? In order to analyze this question were used two theorists of developmental psychology: Henry Wallon and Jean Piaget, Who discuss the importance of the affectivity and cognition to human formation. This work presents affectivity to beyond the physical tenderness. Therefore, affectivity is understood in relations of care, in the educational processes, in gestures, compliments and in the listening of children. The methodology utilized in this work was the literature revision about affectivity in child education, as well as analysis of theorists related to this study. As a result, it is observed that the affective relations between educators and children, can be considered the base to the global development of the children. Study the affectivity implies in another perspective about the pedagogical practice, not restraining the teaching-learning process to the cognitive dimension. In the end, this work discussed how the affective and social interactions positively contributes to the child development.

Keywords: Affectivity. Cognition. Educator-Child. Affective relations. Child Education.

¹ Acadêmica de Pedagogia - Universidade Estadual de Maringá – UEM

² Professora Adjunta da Universidade Estadual de Maringá – Departamento de Teoria e Prática da Educação UEM

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou investigar o papel da afetividade no desenvolvimento da criança, e compreender qual a sua importância na relação adulto-criança e criança-criança.

Acredita-se que a afetividade tem um papel fundamental no desenvolvimento global das crianças. Diante disso, o problema tratado no presente estudo foi: De que maneira as relações afetivas entre adultos-crianças e crianças-crianças contribuem para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil? O estudo procurou contribuir para a educação de crianças pequenas.

A maioria das crianças da Educação Infantil fica parte do dia na instituição escolar e muitas vezes, esta pode ser considerada a extensão de seu lar. Dessa forma, acreditamos que o educador precisa fazer com que a criança se sinta acolhida e segura durante todo período que permanece neste local. Nessa fase, a relação do educador com as crianças, e as crianças com as crianças é constante e ocorre por meio de atividades, brincadeiras, nas refeições, e nos momentos do sono. Assim, é necessária uma relação afetiva a todo o momento, seja por meio da promoção do desenvolvimento da inteligência, do desenvolvimento motor, da promoção da autoestima e da socialização, pois as crianças se desenvolvem em cada atividade realizada.

Este artigo pretendeu destacar alguns elementos considerados de grande relevância que envolvem a afetividade nas interações sociais entre adultos e crianças e crianças-crianças na Educação Infantil. Para tanto, a fundamentação teórica buscou analisar a afetividade e cognição segundo a visão de Wallon e de Piaget e como esses autores retratam a inteligência e afetividade em suas teorias. A afetividade também será discutida sobre como está incluída nos documentos oficiais do Ministério da Educação e Cultura (MEC), e de que forma ocorrem as relações afetivas na Educação Infantil.

De acordo com Silva (2012), a afetividade é essencial desde os primeiros anos de vida, pois o contato do bebê com o adulto é uma maneira dele interagir, permitindo assim o “processo de diferenciação eu/outro”. E é por meio da afetividade que a criança ingressa no mundo simbólico e desenvolve assim sua cognição. É importante destacar que as crianças também aprendem a se diferenciar através das interações, dos jogos de papéis, das brincadeiras e do convívio cotidiano.

Por meio dessa pesquisa pretende-se entender as influências da afetividade nessa relação entre adultos e as crianças, e crianças-crianças para o desenvolvimento das mesmas na Educação Infantil, por considerar este segmento escolar a base da educação.

Este trabalho originou-se a partir das diferentes experiências na minha vida: primeiramente nos estágios obrigatórios do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, realizados na Educação Infantil da Rede Municipal de Maringá. Em um segundo momento, nas discussões em sala de aula na universidade e, em terceiro, principalmente minhas experiências como educadora na Educação Infantil, tanto no Centro de Educação Infantil Municipal como privado, em especial com as crianças de 0 à 3 anos. Esta idade foi a faixa etária em que mais atuei.

As relações de afetividade na Educação Infantil e as formas de interação entre adultos-crianças, e crianças-crianças sempre chamaram minha atenção. Como educadora observava e ficava aflita com a ausência de manifestações afetivas por parte de algumas educadoras e familiares com as crianças. Com isso acredito que, muitas vezes, de certa forma, este aspecto acabava refletindo no comportamento das mesmas em sala com seus colegas, durante as interações em atividades, refeições e brincadeiras. As crianças ficavam mais sensíveis e até mesmo agressivas quando eram tratadas com pouco afeto.

Como trabalho há sete anos nesta área, sempre tive como princípio norteador da minha prática o afeto. Entendo como afeto o sentimento de carinho, atenção, acolhimento, respeito pelo outro e escuta da criança.

Por isso a relevância deste trabalho foi abordar o tema afetividade na Educação Infantil e também procurar entender como a afetividade está presente no processo de aprendizagem, principalmente quando se trata de Educação Infantil.

A partir dessas experiências e das discussões no Curso de Pedagogia sobre Educação Infantil, foram traçados os objetivos dessa pesquisa. O objetivo principal foi compreender qual a importância da afetividade nas interações sociais adultos-crianças e crianças-crianças, para o desenvolvimento das mesmas na Educação Infantil.

Dentre os objetivos específicos, destacam-se: investigar na produção acadêmica da Educação, autores que discutem a afetividade na Educação Infantil na relação adultos-crianças e crianças-crianças; analisar nos documentos oficiais do MEC da Educação Infantil os conceitos de afetividade nas relações educadores-crianças, identificar os benefícios de uma relação afetiva positiva nas relações adultos-crianças e crianças-crianças na Educação Infantil.

Este trabalho pretendeu contribuir para a melhoria da relação entre educadores e crianças, tendo como consequência a melhoria do ensino e da aprendizagem. A seguir descreveremos a metodologia utilizada neste trabalho.

Este artigo foi desenvolvido utilizando uma pesquisa qualitativa que segundo Trivinos (1987, *apud* Lara e Molina, 2011) “ 1º) tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e

o pesquisador como instrumento chave,[...] 3º) os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com o resultado e o produto [...], ainda sobre o processo de investigação de uma pesquisa qualitativa Lara e Molina afirmam “[...]o pesquisador deve iniciar sua investigação, apoiando numa fundamentação teórica geral, numa revisão aprofundada da literatura em torno do tópico em discussão. A maior parte do trabalho se realiza no processo de desenvolvimento do estudo [...]”.

Como método foi utilizado também um estudo bibliográfico e pesquisas na *internet*, no *google* acadêmico e *Sielo*. Gil (1999, *apud* RAUPP e BEUREN, 2003, p.87) explica que “[...]a pesquisa bibliográfica é desenvolvida mediante material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos [...]”. Para Malheiros (2010, p.2) “[...]a pesquisa bibliográfica levanta o conhecimento disponível na área, possibilitando que o pesquisador conheça as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para compreender ou explicar o seu problema objeto de investigação”.

A seguir, descreveremos o referencial teórico deste trabalho e as contribuições da teoria walloniana e piagetiana sobre a afetividade.

1 AFETIVIDADE E COGNIÇÃO SEGUNDO WALLON

Wallon (1968 *apud* GALVÃO, 1995), propõe o estudo integrado do desenvolvimento e considera que a afetividade, a cognição e a motricidade estão entrelaçadas, ou seja, esses aspectos dependem uns dos outros. Também divide o desenvolvimento em diferentes etapas, que são: impulsivo-emocional, sensório-motora e projetiva, personalista, categorial, puberdade e adolescência. Ao longo desse processo, a afetividade e a inteligência se alternam, de forma que cada estágio tem a predominância de um campo funcional (ora afetivo e ora cognitivo) sobre os outros.

Na perspectiva walloniana, quando a afetividade predomina sobre o cognitivo, o conhecimento da criança se volta para si mesmo e suas relações com o mundo social. Para Wallon (1968 *apud* GALVÃO, 1995) este movimento é denominado de centrípeto. Quando a dimensão cognitiva prevalece ocorre o movimento contrário, chamado de centrífugo, no qual a criança busca o conhecimento do mundo externo.

Assim, entende-se que embora os campos funcionais passem por predominâncias e alternâncias, eles sempre estão juntos. O conjunto afetivo e o conjunto cognitivo se inter-relacionam e influenciam-se mutuamente. De acordo com Dantas (1992, p.90), desde o nascimento, afetividade e inteligência estão misturadas:

O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânico, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira.

Dessa forma, a criança ao nascer é considerada um ser sincrético, ou seja, misturada ao outro e biologicamente social.

Dias (2012) afirma que gradativamente, o bebê passa a entender que existe uma relação entre seus atos e os do ambiente por meio da comunicação afetiva entre ele e o outro. Nesse sentido, ele começa a responder às solicitações do meio de forma mais organizada, iniciando assim, sua passagem do sincretismo para a diferenciação.

Wallon (1968, *apud* DIAS, 2012, p.12) institui uma diferença entre afetividade e emoção. O autor define as emoções como: “[...] sistemas de atitudes que correspondem, cada uma, a uma determinada espécie de situação”. No que diz respeito à afetividade, a mesma pode ser considerada mais ampla, pois envolve a emoção, o sentimento e a paixão.

As emoções, de acordo com Wallon (1968, *apud* GALVÃO, 1995, p.61), são manifestações da afetividade, e são acompanhadas de algumas alterações no organismo:

As emoções possuem características específicas que as distinguem de outras manifestações da afetividade. São sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldades na digestão, secura na boca. Além dessas variações no funcionamento neurovegetativo, perceptíveis para quem as vive, as emoções provocam alterações na mímica facial, na postura, na forma como são executados os gestos. Acompanham-se de modificações visíveis do exterior, expressivas, que são responsáveis por seu caráter altamente contagioso e por seu poder mobilizador do meio humano.

Para Galvão (1995) as emoções são uma forma de expressão da afetividade e propiciam assim a comunicação social. A afetividade pode ser entendida como a expressão de sentimentos, emoções e sensações. Dessa maneira, para a perspectiva walloniana, no caso dos bebês, a maneira de expressar a afetividade ocorre por meio das emoções, as quais têm como objetivo comunicar algo ao adulto. Sendo assim, os adultos agem com intuito de atender as necessidades dos bebês e atuam no sentido de se comunicarem com as crianças e de responderem às suas demandas, sorrindo e conversando com eles. Como afirma Galvão (1995, p.61):

O outro age visando atender as necessidades do recém-nascido, mas também simplesmente para comunicar-se com ele: o adulto sorri, conversa com o bebê, canta para ele. Desenvolve-se, entre o bebê e o adulto que lhe cuida,

uma intensa comunicação afetiva, um diálogo baseado em componentes corporais e expressivos.

Neste sentido, percebe-se o poder que o bebê tem desde cedo, a partir das manifestações de suas emoções no contato social com o outro. Segundo Galvão (1995), gradativamente, as reações dos bebês tornam-se mais intencionais. Por meio da ação do outro os movimentos deixam de ser impulsivos e passam a ser afetividade exteriorizada, como por exemplo, o sorriso. No início do desenvolvimento o bebê sorri involuntariamente, depois ele começa a sorrir apenas na presença de pessoas, e por volta dos seis meses, ele expressa suas emoções de alegria, medo, raiva.

As emoções estão relacionadas ao movimento. De acordo com Galvão (1995) nos bebês, os estados afetivos são constantemente vividos como sensações corporais e expressos por meio das emoções. Segundo Galvão (1995, p.62):

É grande o destaque que a análise walloniana dá ao componente corporal das emoções. Wallon mostra que todas as emoções podem ser vinculadas à maneira como o tônus se forma, se conserva ou se consome.

Desta maneira, é possível associar as manifestações das emoções com o movimento, ou seja, as emoções, sentimentos e pensamentos são manifestadas por meio dos movimentos.

Com o desenvolvimento da linguagem articulada (por volta dos dois anos de idade), a criança vai adquirindo outras maneiras de expressar suas emoções, descobrindo desta forma que afetividade pode se expressar de outra forma, e não apenas pelo choro, pelo sorriso ou pelo corpo.

Baseado em Wallon, Galvão (1995, p.66), afirma que as emoções são a primeira forma de adaptação ao meio:

Neste sentido, tanto para o recém-nascido como para as sociedades, as emoções aparecem como forma primeira de adaptação ao meio e tendem a ser suplantadas por outras formas de atividade psíquica.

Galvão (1995) ainda afirma que a emoção está na origem da atividade intelectual, permitindo assim o acesso à linguagem, ou seja, as emoções vão criando o espaço mental da criança para a construção da linguagem. Desta forma, nessa teoria, acredita-se que a afetividade é um ponto de partida para o desenvolvimento do indivíduo.

Após concluirmos as ideias principais de Henri Wallon sobre a afetividade e inteligência, apresentaremos os princípios teóricos de Piaget.

2 AFETIVIDADE, COGNIÇÃO E AS RELAÇÕES SOCIAIS NA TEORIA DE PIAGET

Segundo a teoria piagetiana existem dois componentes para que o desenvolvimento intelectual ocorra: um cognitivo e um afetivo. Para Piaget o afeto, inclui os sentimentos, desejos, valores, emoções e interesses.

Arantes (2002), baseado na teoria piagetiana afirma que não há uma ação afetiva sem antes o indivíduo utilizar a inteligência. Dessa forma, o indivíduo age afetivamente de acordo com o estímulo que recebe, sendo a afetividade uma espécie de “energia” que estimula o ser humano a realizar ações.

De acordo com Piaget (1981, *apud* Wadsworth, 1997, p.37), no funcionamento intelectual, o afeto não se distingue da cognição, pois todo comportamento é composto por elementos afetivos e cognitivos, tornando difícil encontrar um comportamento apenas da afetividade, sem nenhum elemento cognitivo e vice-versa:

É impossível encontrar um comportamento oriundo apenas da afetividade, sem nenhum elemento cognitivo. É, igualmente, impossível encontrar um comportamento composto só de elementos cognitivos... embora os fatores afetivos e cognitivos sejam indissociáveis num dado comportamento, eles parecem ser diferentes quanto à natureza[...] É óbvio que os fatores afetivos estão envolvidos mesmo nas formas mais abstratas de inteligência

Wadsworth (1997, p. 15), afirma que para Piaget os “[...] atos intelectuais são entendidos como atos de organização e de adaptação ao meio”. Dessa forma, acreditamos ser relevante destacar aqui os conceitos de assimilação e acomodação, que são essenciais para o desenvolvimento intelectual da criança na teoria de Piaget.

Baseado em Piaget (1981, *apud* WADSWORTH, 1997, p.19), é possível afirmar que a assimilação é um processo cognitivo pelo qual o indivíduo se adapta ao ambiente e o organiza, e possibilita a ampliação de seus esquemas, usando as estruturas já existentes. Ou seja, quando a criança tem novas experiências (quando vê coisas novas, ou ouve coisas novas) ela tenta adaptar esses novos estímulos às estruturas cognitivas que já possui.

Assimilação é um processo cognitivo pelo qual uma pessoa integra um novo dado perceptual, motor ou conceitual nos esquemas ou padrões de comportamento já existentes. Pode-se dizer que uma criança tem experiências: vê coisas novas (vacas), ou vê coisas velhas de novas formas e ouve coisas. A criança tenta adaptar esses novos eventos ou estímulos nos esquemas que ela possui naquele momento. (WADSWORTH, 1997, p.19)

Por exemplo, uma criança está aprendendo a reconhecer animais, e até o momento, o único animal que ela conhece e tem organizado esquematicamente é o cachorro. Quando ela se depara com uma vaca, cavalo ou outro animal que possua alguma semelhança com o cachorro, ela o identificará como cachorro, pois esses animais se encaixam no esquema cachorro, estrutura que a criança tem até o momento. Ou seja, a semelhança entre esses animais (apesar da diferença de tamanho) faz com que um cavalo passe por um cachorro em função da proximidades dos estímulos e da pouca variedade e qualidade dos esquemas acumulados pela criança até o momento. A diferenciação do cavalo para o cachorro deverá ocorrer por um processo chamado de acomodação.

A acomodação ocorre quando a criança não consegue assimilar um novo estímulo. Dessa forma a acomodação é a criação um novo esquema ou a modificação de um esquema existente. Ambas as ações resultam em uma mudança na estrutura cognitiva. “ocorrida a acomodação, a criança pode tentar assimilar o estímulo novamente, e uma vez modificada a estrutura cognitiva, o estímulo é assimilado.” (WADSWORTH, 1997, p.20)

Wadsworth (1997) afirma que o desenvolvimento mental do bebê inicia-se desde o nascimento por meio do processo de assimilação e acomodação. O bebê se organiza e adapta ao meio, através das ações sensoriais e motoras.

Piaget divide o desenvolvimento humano em quatro estágios nas quais são: Estágio sensorio-motor (0 à 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), marcada pelo aparecimento da linguagem e também pelo egocentrismo, o estágio das operações concretas (7 a 11, 12 anos) onde egocentrismo diminui e a criança inicia a realização de operações mentalmente e o estágio das operações formais (12 anos em diante), nesta fase a criança, já consegue raciocinar sobre hipóteses na medida em que ela é capaz de formar esquemas conceituais abstratos e assim executar operações mentais dentro de princípios da lógica formal.

O estágio que pretendo destacar é o sensorio motor, por se tratar da faixa etária na qual estou pesquisando. Neste sentido Piaget ao escrever sobre o desenvolvimento afetivo nas crianças de 0 à 2 anos, denomina essa fase como sendo sensorio-motora. Nessa fase para que a criança possa interagir com o outro ele utiliza-se dos cinco sentidos: do toque, da apreensão, da visão, do cheiro, da audição, ou seja, de todas ações sensorio-motoras.

Durante essa fase do desenvolvimento intelectual, nos primeiros meses de vida as crianças adquirem sentimentos de afeto denominado por ele, de instintivos os quais envolvem sentimentos ligados às necessidades biológicas (conforto e desconforto) nos quais as crianças manifestam-se afetivamente, o sentimento de êxito e fracasso. Os afetos perceptíveis

consistem nos primeiros sentimentos atribuídos às coisas e às pessoas, os quais envolvem alegria, tristeza, prazer, desprazer, etc.

De início, aparecem os *afetos perceptuais*. Estes são sentimentos, como prazer, dor, satisfação, insatisfação, etc., que se ligaram a percepções através da experiência. Depois, manifesta-se a diferenciação entre necessidades e interesses. Este desenvolvimento se refere aos *sentimentos* de contentamento, desapontamento e todas as gradações entre eles que não estão ligadas às várias percepções, mas que estão associadas à ação como um todo. (PIAGET, 1981b, p.21, *apud* WADSWORTH 1997, p. 47)

A criança já com dois anos possui esquemas cognitivos e afetivos mais amplos, os quais são desenvolvidos por meio das ações das crianças sobre o meio em que vive, ocorrendo diversas vezes o processo de assimilação e acomodação.

Para Piaget (1981, *apud* Wadsworth, 1997), a inteligência e os sentimentos se desenvolvem desde a primeira infância, e os sentimentos afetivos surgem durante o desenvolvimento sensório-motor.

De acordo com a visão piagetiana, quando a criança desenvolve a linguagem, seu comportamento no que diz respeito a afetividade se modifica. A criança passa a desenvolver sentimentos de respeito, simpatia, antipatia, passando a julgar se gostam ou não de alguém, apresentando também afinidade ou conflitos com outra pessoa.

Segundo La Taille (1992), na teoria de Piaget, as crianças no estágio sensório motor, são seres individuais e não dependem das trocas sociais para desenvolver a inteligência. Somente a partir da aquisição da linguagem que é as crianças iniciam uma socialização efetiva da inteligência.

La Taille (1992), baseado na teoria piagetiana, afirma que as crianças até o estágio pré-operatório tem um pensamento egocêntrico, pois nessa fase encontram muita dificuldade em aceitar o ponto de vista do outro, o que acaba dificultando o estabelecimento de relações de reciprocidade.

La Taille afirma (1992, p. 17) que durante o período sensório- motor “[...] a criança constrói esquemas de ação que constituem uma espécie de lógica das ações e das percepções”. Está é considerada a primeira organização da inteligência, onde as ações serão realizadas mentalmente.

Nesse processo de desenvolvimento La Taille (1992, p. 18) afirma que são de suma importância as ações do sujeito sobre o objeto, pois é por meio de “[...] uma tomada de consciência da organização das primeiras (abstração reflexiva) que novas estruturas mentais vão sendo construídas”. Assim entende-se que na visão de Piaget o processo de

desenvolvimento com outras pessoas possui em sua essência as interações do indivíduo sobre objetos, pois é por meio da interação com este objeto que o conhecimento é primeiramente construído.

Neste contexto La Taille, discute o papel dos fatores interindividuais no desenvolvimento cognitivo. Assim o autor inicia sua discussão deixando claro que as operações mentais permitem à inteligência chegar à coerência. Desta forma, tanto a busca do conhecimento quanto da coerência são necessidades da vida social.

Desta maneira, La Taille (1992) coloca uma distinção mostrada por Piaget, entre dois tipos de relação social: a *coação* e a *cooperação*.

A *coação social*, “[...] é toda relação entre dois indivíduos na qual intervém um elemento de autoridade ou de prestígio” (LA TAILLE, 1992, p. 18), ou seja, é quando o indivíduo ouve algo de alguém que ele confie e toma como verdade o que lhe foi dito, e depois ensina o que ouviu da mesma forma coercitiva que lhe ensinaram. De acordo com o autor, na *coação* quase não há uma socialização, pois não há diálogo, já que apenas um fala e o outro ouve e memoriza e também por que nenhum dos indivíduos participantes do diálogo precisa descentrar, pois o coagido aceita o que lhe foi dito sem verificar como se chegou aquela ideia e a “autoridade”, por não precisar ouvir o outro.

Segundo La Taille (1992) a *coação social*, faz com que diminua as relações sociais, pois não há uma interação social e cada indivíduo permanece no seu ponto de vista, prejudicando o desenvolvimento da inteligência, reforçando o egocentrismo, e impossibilitando o desenvolvimento das operações mentais, devido ao fato de que isso só ocorre se houver uma necessidade sentida pelo sujeito.

As *relações de cooperação* consistem na “[...] coordenação das operações de dois ou mais sujeitos” (LA TAILLE, 1992, P. 19) possibilitando dessa forma o desenvolvimento das operações mentais. Nesta relação, ao contrário da *coação*, ocorrem trocas de pontos de vista, as ideias não são tomadas como verdades, mas argumentadas e provadas. Esta relação interindividual permite uma maior socialização, promovendo o desenvolvimento.

Essas relações são empregadas por Piaget, segundo La Taille (1992, p. 20), no desenvolvimento das crianças:

A coação representa o tipo dominante na vida da criança pequena. Nem poderia ser diferente, dada a assimetria da relação pai/filho ou adulto/criança. Portanto, a coação representa uma etapa obrigatória e necessária da socialização da criança.

Já a cooperação é condição necessária para o desenvolvimento das operações mentais. Segundo a teoria piagetiana, isso apenas se inicia quando as crianças estabelecem relações com outras crianças.

Para Taille (1992), num primeiro momento, é importante que no processo de socialização a criança conheça as regras e tenha noções sobre o bem e o mal, o certo e o errado. É necessária, uma primeira fase de obediência à autoridade, para que, depois, o espírito de cooperação possa ser construído, através do respeito mútuo e da reciprocidade.

A seguir discutiremos como a afetividade vem sendo apresentada nos documentos oficiais do Ministério da Educação e Cultura (MEC), mais especificamente, aqueles destinados a Educação Infantil.

3 AFETIVIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DO MEC

Observa-se que a Educação Infantil vem conquistando grande espaço no contexto educacional, podendo isto ser comprovado após a aprovação da Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, (BRASIL, 2013) que altera a LDB n. 9394/96, BRASIL (1996) sancionada pela presidenta da República, Dilma Rousseff, tornando obrigatória a oferta gratuita de educação básica a partir dos 4 anos de idade. Desta forma, a Educação Infantil pode ser considerada uma fase da vida escolar da criança de suma importância para seu desenvolvimento integral, assim como afirma o artigo 29 da LDB (BRASIL, 1996):

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade

Nesse contexto, acreditamos que grande parte das crianças de zero a cinco anos frequenta ou frequentaram o Centro de Educação Infantil por no mínimo quatro horas diárias, tendo assim o professor uma grande influência no desenvolvimento integral da criança.

De acordo com o documento Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica elaborado em 2009, (BRASIL, 2009), elaborado pelo Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica e Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares da Educação Básica, afirma que:

[...] O MEC, através da Secretaria de Educação Básica desenvolveu um Projeto de Cooperação Técnica com a Universidade Federal de Rio Grande do Sul que resultou nos documentos *Relatório de pesquisa: contribuição dos pesquisadores à discussão sobre ações cotidianas na Educação das crianças*

de 0 a 3 anos. (MEC, 2009b) e Práticas cotidianas na Educação Infantil – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares (MEC, 2009c). (BRASIL, 2009, p. 27)

O documento citado trata da importância da Educação Infantil, especialmente na faixa etária de 0 à 3 anos de idade. Conforme este documento, as instituições de Educação Infantil são espaços onde as crianças têm a oportunidade de conviverem coletivamente e os adultos que convivem com elas, devem garantir o bem estar das mesmas, por meio do acolhimento, aconchego e trocas. Os pesquisadores destacam também a importância da ampliação de trocas humanas, por meio de experiência “ no plano do conhecimento, dos afetos, das coisas e das pessoas” (BRASIL, 2009, P. 28) devendo o professor nas interações sociais ser mediador da cultura e de afetos.

Os pesquisadores deste documento entendem que o cuidar na educação infantil, “[...] é acolher a criança, encorajar sua descobertas, respeitar a brincadeira, ouvir as crianças em suas necessidades, desejos e inquietações, interagir com elas, reconhecendo-se como fonte de informação, carinho e afeto ” (BRASIL, 2009, p. 28). Desta forma acreditamos com base nas leituras realizadas até aqui, que este conceito de cuidar dos pesquisadores, pode ser considerado uma forma de afetividade na relação professor³-criança.

O documento: “*Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica*” (BRASIL, 2009), estabelece que deve ser levado em conta as especificidades das crianças, dando ênfase à práticas de educação que envolvam o cuidado, sendo o adulto responsável também pelo desenvolvimento, físico, emocional, afetivo, cognitivo, linguístico e sociocultural.

O referido documento, também afirma que as propostas pedagógicas para a Educação Infantil devem contribuir para o desenvolvimento integral da criança ao longo do período da mesma na instituição (0 à 5 anos), contribuindo assim para o desenvolvimento da “[...] linguagem (verbal e não-verbal), a afetividade (emoções e sentimentos), a motricidade (os movimentos, a gestualidade, a expansão do corpo no espaço) e a cognição (o pensamento, a dimensão racional), constituindo-se nas interações sociais”.(BRASIL, 2009, p. 30)

Conforme o mesmo documento, o educador (a) da Educação Infantil é responsável pela educação das crianças de 0 à 6 anos (até 5 anos, conforme alteração na LDB, Lei nº 12.796, de 2013) (BRASIL, 2013), cabendo a ele (a), organizar as rotinas, atender as necessidades básicas da criança, organizar o ambiente de forma que se torne acolhedor e

³ Nos documentos oficiais do MEC, o termo utilizado para se referir ao educador infantil é professor.

desafiador. Precisa também planejar atividades promovendo o desenvolvimento das crianças, escutá-las e promover a participação das crianças no dia a dia.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI - BRASIL, 1998), é um documento de extrema importância para os educadores e aqueles que também de forma indireta estejam ligados à essa primeira etapa da Educação Básica, pois o mesmo expressa claramente os princípios da Educação Infantil, na qual devem, estar estreitamente ligados aos aspectos afetivos.

O RCNEI, (BRASIL, 1998, p.23) Vol. 1 ao discutir os conceitos de cuidar e educar na educação Infantil, no que diz respeito ao educar, o mesmo descreve que o educador contribui para formação de crianças felizes e saudáveis, por meio do “[...] desenvolvimento das capacidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas”. Neste contexto, educar na Educação Infantil é também promover situações onde elas possam desenvolver a afetividade e as emoções.

No que diz respeito ao cuidar, o RCNEI (BRASIL, 1998) deixa claro que o desenvolvimento integral da criança depende dos cuidados que envolvem as dimensões afetivas e os aspectos biológicos do corpo (alimentação, trocas, e saúde)

O desenvolvimento das capacidades afetivas e cognitivas, nas quais devem ser desenvolvidas no Centro de Educação Infantil, envolvem:

As capacidades de ordem cognitiva estão associadas ao desenvolvimento dos recursos para pensar, o uso e apropriação de formas de representação e comunicação envolvendo resolução de problemas.

As capacidades de ordem afetiva estão associadas à construção da autoestima, às atitudes no convívio social, à compreensão de si mesmo e dos outros. (BRASIL, 1998, Vol. 1, p. 48)

Neste sentido, o professor precisa ser um mediador a fim de promover o desenvolvimento dessas capacidades.

Conforme afirma o RCNEI (BRASIL, 1998, Vol. 2, p.16) o ato de cuidar, vai além da alimentação e a higiene, pois envolve uma interação de afetividade para cada situação, entre quem cuida e quem está sendo cuidado. Como por exemplo, o ato do professor pegar um bebê no colo para lhe dar mamadeira é uma experiência de suma importância para o desenvolvimento da criança:

No ato de alimentar ou trocar uma criança pequena não é só o cuidado com a alimentação e higiene que estão em jogo, mas a interação afetiva que envolve a situação. Ser carregado ao colo e, ao mesmo tempo, ter o seio ou mamadeira para mamar é uma experiência fundamental para o ser humano. Na relação estabelecida, por exemplo, no momento de tomar a mamadeira,

seja com a mãe ou com o professor de educação infantil, o binômio dar e receber possibilita às crianças aprenderem sobre si mesmas e estabelecerem uma confiança básica no outro e em suas próprias competências. Elas começam a perceber que sabem lidar com a realidade, que conseguem respostas positivas, fato que lhes dá segurança e que contribui para a construção de sua identidade.

Segundo o RCNEI (BRASIL,1998) Vol.2, a interação das pessoas responsáveis por cuidar da criança, como a família e no caso da Instituição de Educação Infantil e os professores, essas pessoas são de suma importância para o desenvolvimento dos futuros valores, condutas e atitudes que as crianças irão adotar. Pois desde bebês essas pessoas estabelecem uma relação afetiva, envolvendo sentimentos de amor, carinho, frustração, raiva, etc, e é por meio delas que as crianças terão os primeiros contatos com o mundo, ajudando-as a organizar e interpretar o mundo que as rodeiam. Desta forma, as pessoas com quem as crianças constroem vínculos afetivos, passam a ser seus principais mediadores. Elas criam condições para que as crianças adotem as condutas necessárias para sua inserção no mundo de acordo com as culturas vigentes.

De acordo com esse Referencial (BRASIL, 1998) para uma boa interação entre os adultos e a criança, é necessário uma relação de confiança, incentivo, afetividade, e que esses limites sejam colocados de forma clara e afetiva. Neste sentido, o professor (a) deve ter consciência de que o vínculo é, para a criança “fonte continua de significações” (BRASIL, 1998, p.49) e ele (a) precisa valorizar dessa forma essa relação com a mesma.

Na Instituição de Educação Infantil que crianças que frequentam têm a oportunidade de realizar uma boa alimentação, com todos os nutrientes necessários para um bom desenvolvimento. Por volta dos dois anos, as crianças começam a ter mais autonomia realizando suas refeições sozinhas. Porém de acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998) Vol.2, faz-se necessário que os professores (as) ofereçam esses alimentos em ambientes tranquilos, afetivos e agradáveis, com poucas crianças, de forma que fiquem mais próximo (as) das crianças, ajudando-as quando necessário.

Os professores (as) precisam oferecer às crianças uma variedade de alimentos e incentivá-las a comer. Porém é necessário que se respeitem as preferências das crianças e jamais devem forçá-las a comer. Esses cuidados básicos podem ser considerados gestos de afetos.

4 COGNIÇÃO E AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Baseado em Wallon, Dias (2012, p. 11) afirma que “[...] O desenvolvimento infantil não se inicia cognitivamente, e sim pela sensibilidade interna, que é o que predomina nos primeiros anos de vida da criança. O aspecto cognitivo do desenvolvimento se caracterizará pela sensibilidade externa”. O desenvolvimento da criança não inicia-se pela inteligência e sim pela sensibilidade interna nas quais são as percepções que o bebê adquire dos seus órgãos internos, nos primeiros anos de vida manifestando a fome e a dor.

Nas cinco fases do desenvolvimento definidas por Wallon (impulsivo-emocional; sensório-motor e projetivo; personalismo; categorial; e puberdade e adolescência), a afetividade e a inteligência se alternam, no primeiro ano de vida, a função que predomina é a afetividade. O bebê a usa para se expressar e interagir com as pessoas, que reagem a essas manifestações e intermediam a relação dele com o ambiente. Depois, na etapa sensório-motora e projetiva, o que predomina é a inteligência. Nessa fase a criança começa a andar, falar e manipular objetos e está voltada para o exterior. Na fase do personalismo a criança está voltada para a construção da personalidade, começando a diferenciar o eu/outro, predominando nessa fase o aspecto afetivo.

Para Galvão (1995) essas mudanças não fazem com que uma das funções desapareça, pois cada nova atividade predominante desenvolvida incorpora as conquistas da anterior.

Arantes (2002), apoiado na teoria de Piaget, considera que para a criança aprender algo, é necessário haver uma interação afetiva entre o educador e a criança, pois é a interação que desperta o interesse da mesma, pelo que está sendo aprendido. Pode-se afirmar então que a afetividade é o fator que move a criança a buscar o conhecimento.

No que diz respeito ao desenvolvimento do pensamento, Arantes (2002), afirma que sem afetividade não há um pensamento, pois a criança não interage com o educador, dessa forma não há pensamento.

Tassoni (2008, *apud* DIAS, 2012), baseado em Wallon, defende que “[...] o afetivo e o cognitivo inter-relacionam-se e influenciam-se mutuamente, promovendo o desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade”. Jean Piaget, (1976, p. 16, *apud* COSTA, 2012, p.10), semelhante à Tassoni, afirma que o “[...] afeto é essencial para o funcionamento da inteligência”, podemos então compreender que a afetividade e a cognição ambas complementam-se, contribuindo para o desenvolvimento da criança.

Carvalho (2008, p. 8) afirma que a instituição colabora não apenas na aprendizagem de conhecimentos no campo cognitivo, mas também na construção da personalidade. Dessa

forma compreende-se que afetividade e a cognição são de suma importância para o desenvolvimento da criança

Segundo Silva (2012) na Educação Infantil, além de ser necessário estimular o desenvolvimento físico e intelectual, é preciso estimular também o desenvolvimento emocional, ensinando as crianças a separarem os sentimentos positivos e negativos, sendo necessário nessa fase que os educadores (as) levem a afetividade para sala de aula, pois para eles tudo está relacionado ao amor.

Partindo desse pressuposto, faz-se indispensável salientar que a afetividade é essencial para aprendizagem infantil, assim cabe citar o trabalho de Luck (1983, apud CARVALHO, 2008, p. 10), que afirma que, “[...] as relações afetivas assumem um papel especial e singular no quadro educativo”, dessa forma a instituição tendo como principal objetivo proporcionar a aprendizagem deve assumir esse papel.

Wadsworth (1997) baseado em Piaget, afirma que a afetividade pode acelerar o desenvolvimento cognitivo quando há interesse e necessidade ou diminuir quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual.

É importante lembrar que de acordo com Mello e Rubio (2012, p. 6), a afetividade vai além do carinho físico, mas se dá também por meio de elogios, de escutar as crianças, onde o educador (a) demonstre importância às suas ideias. Assim fica evidente que as relações afetivas entre educadores (as) e crianças, podem ser consideradas a base para o desenvolvimento global das mesmas.

Nesta perspectiva, a afetividade e a cognição são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e influenciam pela socialização, pelo meio, pela escola, família e sociedade. Assim, a afetividade na Educação Infantil precisa ser trabalhada e expressada em todos os momentos, considerando a criança como ser sócio afetivo que ela é, reconhecendo-a como indivíduo autônomo, com direito a ter preferências e desejos diferentes uns dos outros.

Perceber o sujeito como um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente simultaneamente, e reconhecer a afetividade como parte integrante do processo de construção do conhecimento, implica outro olhar sobre a prática pedagógica, não restringindo o processo ensino-aprendizagem apenas à dimensão cognitiva.

Neste contexto, apresentaremos a seguir como ocorre o desenvolvimento global das crianças nas instituições de Educação Infantil, por meio das relações afetivas entre educador e criança e criança- criança.

5 AS RELAÇÕES AFETIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As pesquisas realizadas até o presente momento nos fazem perceber que as crianças não são seres fragmentados. Desta forma, o desenvolvimento da afetividade e a cognição estão entrelaçados, e ambos dependem uns dos outros.

Nessa perspectiva é possível afirmar que as crianças que frequentam a Educação Infantil estão a todo momento interagindo umas com as outras, e com os adultos que as rodeiam. Sendo assim, as relações afetivas neste espaço se fazem de suma importância para o desenvolvimento das crianças, pois é nessa fase que ocorre a formação de hábitos, atitudes, valores éticos e morais promovendo a construção de sua identidade, a qual deve estar fundamentada na afetividade.

Para Paula e Oliveira (2000), as crianças se desenvolvem e constroem-se como sujeitos em ambientes rodeados por adultos pertencentes a uma cultura, na qual promovem o desenvolvimento delas, e a participação das mesmas em atividades e ações de acordo com as concepções pertencentes as suas culturas. É por meio dessas interações que os homens elaboram novos recursos psicológicos auxiliares de suas ações.

As autoras afirmam que nessas relações de interações sociais, as crianças quando são pequenas têm dificuldade de perceber suas ações separadas das dos parceiros. Conforme as crianças vão crescendo essas operações interpessoais vão sendo reconstruídas internamente por meio das imitações dos parceiros com mais experiência.

Assim, é por meio das interações sociais que as funções psicológicas são construídas. Essas interações são importantes para a constituição da linguagem, da emoção e do conhecimento.

Paula e Oliveira (2000) afirmam que os estudos sobre a interação criança-criança, até a bem pouco tempo, acreditavam que cabia ao adulto socializar a criança na cultura à qual estava inserida, sendo ela considerada incapaz de realizar o mesmo.

Neste contexto, as autoras realizaram um estudo, analisando as formas de interação entre educador – criança e criança-criança na hora do almoço em uma creche no estado de São Paulo. Para isto realizaram gravações em vídeo com dois grupos: A (com crianças de 1 à 2 anos de idade) e B (com crianças de 2 à 3 anos de idade).

As autoras constataram que existiam poucos adultos para muitas crianças e as mesmas interagiam mais com seus colegas de sala, devido às maiores oportunidades, do que com os educadores. De acordo com as autoras, nessas interações as crianças construíam e compartilhavam conhecimentos, emoções, conflitos e apaziguamentos que muitas vezes eram

resolvidos entre eles mesmos, sem intervenção do educador. Por meio das interações as crianças orientavam seus movimentos, os quais foram observados frequentemente a ocorrência de imitações do parceiro e do adulto.

Por meio dos estágios de observação e como educadora há alguns anos na Educação Infantil, observo frequentemente nas brincadeiras das crianças, desde o primeiro ano de idade a imitação de seus parceiros e em especial dos adultos que as rodeiam, principalmente quando diz respeito às brincadeiras de faz de conta como dar comida à um bebê ou fazê-lo dormir. Também observo que as crianças expressam exatamente o que vêem no dia a dia, desde o esfriar a comida por que está quente até a cantar músicas de ninar para dormir. Assim se dá a importância do Educador e dos adultos com quem convivem de expressar sentimentos de afeto, pois as crianças durante seu desenvolvimentos espelham-se nos adultos que estão ao seu redor.

De acordo com Paula e Oliveira (2000) a imitação é de suma importância para a apropriação de signos:

Por meio dela, gestos elaborados em sistemas semióticos histórico-culturais são difundidos e transformados, abrindo possibilidades indeterminadas para novas sequências interacionais. (PAULA E OLIVEIRA, 2000, p. 93)

Desta forma a imitação faz parte da diferenciação de papéis e da construção da própria identidade e o educador é a figura central que a criança tem para estabelecer um vínculo afetivo, sendo este seu modelo para imitar ou opor-se.

Ramos (2012, p.64) ao realizar observações em Centros de Educação Infantil, nas salas do berçário, afirma que quando as crianças imitam as ações das educadoras “[...] selecionam aspectos culturais do ambiente e que vão, dinamicamente, ressignificando-os em suas ações com os parceiros” (p. 64). Nesse sentido, o ato da criança imitar demonstra sua compreensão do meio sociocultural na qual está inserida, e ao interagir com outras crianças, por meio da imitação, percebe-se que este não é um ato mecânico, pois é necessário examinar, observar e selecionar a ação que será imitada.

Atualmente atuo como educadora no Infantil 1 (berçário) em um CMEI público, e constantemente observo que mesmo sem o desenvolvimento total da fala, a criança até os dois anos de idade nas interações entre parceiros, dialogam e comunicam-se entre si, por meio de manifestações emocionais, choro, sorriso, grito, movimento, olhares, etc.

Essa observação vai de encontro com a afirmação de Ramos (2012, p. 46), que partindo de observações de salas de berçário, afirma que:

[...] a comunicação é entendida como um processo que envolve acordos entre parceiros, partilha de intenções e negociação de significados em situações socialmente relevantes e afetivamente envolventes.

Uma forma de relação afetiva entre as crianças, que acreditamos ser relevante destacar, foi observada por Ramos (2012, p. 55). Ela descreve que uma criança ao observar seu colega chorar, para de brincar, pega a chupeta, vai em direção à criança e coloca na boca da mesma, com o intuito de ajudá-la e confortá-la, manifestando desta forma um o sentimento de empatia, preocupando-se com o sentimento do outro.

Conforme a autora, esses tipos de ações demonstram que as crianças compreendem que não estão isoladas dos parceiros envolvidos, Desta forma, “[...] atenção convergente a uma brincadeira, emoção ou atitudes, lhe inseriu num domínio partilhado de intenções, permitindo que ele pudesse capturar e responder às diferentes manifestações comunicativas que o parceiro expressou.” (RAMOS, 2012, p. 56)

Ramos (2012), afirma que é nesse contexto que a linguagem se desenvolve, por meio do aprendizado das respostas de intenções do outro, criando e partilhando significados e da tentativa de representar ideias e utilizar uma fala articulada em situações culturalmente elaboradas. Desta forma, é possível afirmar que por meio da interação que o desenvolvimento psíquico da criança ocorre.

Para Ramos (2012), nos Centros de Educação Infantil, as interações entre educadoras e crianças, promovem o desenvolvimento socioafetivo das crianças. Este ambiente deve ser um espaço planejado, onde as crianças tenham diferentes oportunidades de aprendizado, e deve se respeitar as características individuais de cada uma, e promover assim seu desenvolvimento.

O educador infantil precisa ser consciente do seu papel e da sua importância nesse processo, pois é responsável pelo desenvolvimento integral das crianças. Desta forma é necessário que o educador infantil seja sensível as emoções das crianças, e é preciso exigir dele paciência e compreensão, pautado em um trabalho que tem como base a afetividade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho foi possível observar que a afetividade representa um aspecto importante a ser trabalhado na Educação Infantil e no desenvolvimento da criança.

Os estudos teóricos permitiram que alcançássemos o objetivo principal desta pesquisa, o qual foi buscar compreender a importância da afetividade nas interações sociais entre

adultos e crianças e crianças-crianças. Por meio de revisão de literatura, observamos que, para Wallon a afetividade e inteligência se inter-relacionam, ambas estão misturadas desde o nascimento do bebê, sendo este considerado um ser biologicamente social.

Para Wallon, as crianças, desde bebês, expressam os seus afetos através do choro, sorrisos, gestos e movimentos, comunicando-se desta forma com os adultos por meio dessas expressões. Portanto, cabe aos adultos e educadores interpretar essas linguagens não verbais e analisarem o desenvolvimento das crianças desde bebês.

Para Piaget, os sentimentos afetivos surgem durante o desenvolvimento sensório motor, em um primeiro momento são afetos denominados por ele instintivos, ligados às necessidades biológicas. Em um segundo momento, já por volta dos dois anos, a criança já possui esquemas cognitivos e afetivos mais amplos, desenvolvidos por meio de ações sobre o meio em que vive.

Em relação aos documentos oficiais do MEC, é papel dos adultos e educadores da Educação Infantil darem prioridade ao acolhimento, aconchego, escuta, respeito e atendimentos às especificidades das crianças, propiciando assim o desenvolvimento global das mesmas, por meio da afetividade.

Observou-se que o papel da imitação é muito importante, tanto para Wallon quanto para Piaget nas fases iniciais do desenvolvimento (0 à 3 anos). Por isso a necessidade das crianças terem mediações positivas no seu desenvolvimento, através das interações com os adultos e com as crianças.

Por meio desta pesquisa, compreendeu-se que a afetividade vai além dos carinhos físicos e que os benefícios de uma relação afetiva se manifestam no cotidiano por meio das interações sociais agradáveis. Neste sentido as instituições de Educação Infantil precisam ser espaços que propiciem às crianças o pleno desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, afetivas, de relações interpessoais e inserção social e promovam interações sociais e afetivas a fim de contribuir para formação de crianças enquanto cidadãs, e principalmente crianças felizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções E Orientações Curriculares da Educação Básica. **Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizes_curriculares_consolidado.pdf> Acesso em 6 de junho de 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em 2 de Julho de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: introdução, Vol. 1, Brasília, 1998.a

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Formação Pessoal e Social, Vol. 2, Brasília, 1998 b.

CARVALHO, Fernanda Saraiva. **A importância da afetividade docente, para o desenvolvimento cognitivo de crianças da educação infantil, de uma escola particular da R.A do Paranoá DF**, 2008, Disponível em: < <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2009/a%20importancia.pdf>> Acesso em 25 de agosto. 2013.

COSTA, Joiara Nara Fernades. **A afetividade e aprendizagem**: O papel da afetividade na construção da dinâmica escolar e na relação professor-aluno na escola, 2012, Disponível em < <http://www.slideshare.net/joiramara/meu-pr-projeto-joiara-nara>> Acesso em 06 de out. de 2013.

DIAS, Priscila D. A. Dias. **A afetividade no processo de alfabetização**: contribuições da teoria de Henri Wallon, 2012, Disponível em: <http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/PRISCILA_DADIAS.PDF> acesso em 12 de set. de 2013

GALVÃO, Izabel. **Wallon Henri** : uma concepção dialética do desenvolvimento infantil, Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

LARA, A. M. B.; MOLINA, A. A. Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: TOLEDO, C. A. A.; GONZAGA, M. T. C. (Orgs) **Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de ciências humanas**. Maringá: Eduem: 2011.

MALHEIROS, Márcia Rita Trindade Leite. **O processo de pesquisa na graduação**, Disponível em:< www.profwillian.com/_diversos/download/prof/marciarita/Pesquisa_na_Graduacao.pdf. Acesso em 07 de out. 2013.

MELLO, Tágides, RUBIO, Juliana de Alcantra Silveira. **A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil**, 2013, Disponível em:< <http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf> < > Acesso em 3 de set. 2013.

PAULA, Ercília M. A. Teixeira, OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos. Comida, diversão e arte: o coletivo infantil no amóço na creche. In: OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos(Org.). **A criança e seu desenvolvimento:** perspectivas para se discutir a educação infantil, São Paulo, Cortez, 2000. p. 85-103

RAUPP, Fabiano Maury, BEUREN, Ilze Maria. **Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais**,2003, Disponível em: < http://www.empreedetche.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodologia_de_pesquisa_aplicavel_as_ciencias_sociais.pdf> Acesso em 07 de out. 2013.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. Um convite às descobertas. In: RAMOS, Tacyana Karla Gomes, ROSA, Ester Calland de Sousa, (org). **Os saberes e as falas de bebês e suas professoras**, Belo Horizonte, autentica, 2012. parte II, p. 43-77.

SILVA, Viviane. **As contribuições da afetividade na educação escolar da criança de zero a dois anos**, 2012, Disponível em:<http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/CEILA_VIVIANE_SILVA.PDF> Acesso em 10 de set. de 2013.

ARANTES, Amorim Valéria (Org), **Afetividade na Escola:** Alternativas Teóricas e Práticas. In. SOUSA, Maria Costa Coelho. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget.São Paulo: Summus, 2003.cap. 3, p. 53-69

TAILLE, Yves La De, OLIVEIRA, Marta Kohl, DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon**, teorias psicogenéticas em discussão, São Paulo, Summus, 1992.

WADSWORTH, Barry J. . **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**, São Paulo, Pioneira Thomson, 1997.